

12 páginas

João

"UM LOBO NA CARTOLA"

DE OSCAR VON PFUHL

PERSONAGENS:

VERINHA
TÓTÓ (cachorrinho)
2 CONVIDADOS
COELHO
PORQUINHO
LOBO
AVÓ
CAÇADOR

CENÁRIO:

CASA de VERINHA. Presentes: Verinha, Tótó e convidados.
Risos alegres, música e cantoria. Todos batem palmas e
"Parabens pra você".

VERINHA — Muito obrigada. A vocês todos.

1.º CONVIDADO — Agora você apaga as velinhas do bôlo.

2.º CONVIDADO — Tem bôlo nesta festa?

VERINHA — Claro que tem. Mas e pra depois. Agora é muito cedo.

TÓTÓ — E os doces?

VERINHA — Também pra depois.

TÓTÓ — E agora o que fazemos?

VERINHA — Vocês podem brincar.

1.º CONVIDADO — E vocês?

VERINHA — Eu tenho de visitar minha avó. Ela não pode vir, mora longe.

2.º CONVIDADO (a Verinha) — Você volta logo?

VERINHA — Volto.

1.º CONVIDADO — O que tem mais pra fazer nesta festa?

TÓTÓ — Você não sabe? Que é que a gente faz em festa de aniversário? Canta "parabens pra você", come bôlo e assiste a um cineminha ou teatrinho.

2.º CONVIDADO — Já cantamos "parabens" e o bôlo está ali. E depois? Vai ser teatrinho ou cineminha?

VERINHA — Nem um, nem outro. Hoje vamos ter um mágico.

TODOS — Mágico?

VERINHA — Um mágico famoso.

1.º CONVIDADO — Quem é ele?

VERINHA — É o professor Coelho, o maior mágico do mundo!

(bate palmas) Professor Coelho)

COELHO (apresentando-se, de cartola e varinha mágica) — Muito boa tarde, meus amiguinhos!

TODOS — Boa tarde!

TÓTÓ — Você é mágico de verdade?

COELHO — De verdade.

1.º CONVIDADO — O que é que você sabe fazer?

COELHO — Sei fazer coisas extraordinárias.

2.º CONVIDADO — Aparecer coisas?

COELHO — E desaparecer também.

VERINHA — O professor Coelho faz qualquer mágica.

COELHO — Sim. Faço adivinhações, faço água virar leite, queimo um lenço e ele aparece inteiro logo depois.

TÓTÓ — Queremos ver tudo isso.

COELHO (tirando um baralho do bolso) — Estão vendo este baralho? (a Tótó) Tire uma carta (Tótó escolhe uma carta.) Vou

adivinhar que carta é. (Põe a mão na testa, revira os olhos) É o rei de ouros.
TÓTÓ (boquiaberto). — Acertou!
TODOS (aplaudindo) — Muito bem, muito bem!

COELHO (tomando a carta de Tótó e baralhando no maço) — Novamente, outra carta (Tótó, obedece) Esta carta é... o rei de ouros, outra vez!

TÓTÓ — Direitinho!

TODOS — Formidável! Muito bem!

COELHO (pondo o baralho no bolso, e deixando cair algumas cartas no chão) — Eu adivinho qualquer carta.

TÓTÓ (erguendo as cartas do chão) — Puxa! Todas as cartas aqui são reis de ouros!

COELHO (apressado, tomando as cartas da mão de Tótó) — Não mexa nisso!

VERINHA — Não atrapalhe o mágico, Tótó.
TÓTÓ (desconfiado). — Que baralho mais gozado! Só tem rei de ouros!

COELHO — Também sei fazer as coisas desaparecerem. Sabem o que é isto aqui? (tira um doce do bolso)

TODOS — É um bombom!

COELHO — Muito bem, é um bombom. Agora eu ponho o bombom na boca de um de vocês. (Enfia o bombom na boca de Tótó). Feche a boca. Agora um passe mágico. (dá um tapa nas costas de Tótó, que engole o doce e quase perde o fôlego). Pronto! O bombom desapareceu (Abre a boca de Tótó a força) Estão vendo? E aparece aqui dentro dentro do meu bolso. (tira um bombom igual do bolso).

TODOS — Muito bem! Muito bem! (palmas)
TÓTÓ (segurando a barriga) — Acho que eu enguli aquele bombom!

COELHO (a Tótó) — Não dê palpite, seu intrometido!

VERINHA — Não aborreça o mágico, Tótó.

1.º CONVIDADO (ao Coelho) — Você também faz aparecer coisas?

COELHO — Isso é facilíssimo.

2.º CONVIDADO — Então faça, faça!

COELHO (tirando a cartola) — Vejam! aqui de dentro da minha cartola tiro mais um bombom. (Dá a Tótó). Pode comer.

TÓTÓ — Este eu quero mastigar, antes de engulir.

1.º CONVIDADO — Você é capaz de tirar coisas grandes daí? Um piano, um automóvel?

COELHO — Qualquer coisa. Aqui está uma bolinha de ping-pong. Pra você. (Dá ao 1.º Convidado). Um lápis. Pra você. (Dá ao 2.º Convidado). Uma laranja. Pra você. (Dá a outro). E agora uma cobra. (Tira uma cobra de plástico ou pano. Gritaria e recuo geral). Não se assustem. Não é de verdade, não.

1.º CONVIDADO — Que susto!

2.º CONVIDADO — Fiquei até frio.

TÓTÓ — E eu de cabelo em pé.

VERINHA (a Tótó) — Você lá tem cabelo, seu bôbo?

1.º CONVIDADO (ao Coelho) — Você é capaz de tirar bicho de verdade, também?

2.º CONVIDADO — Vivinho da silva?

VERINHA — Ele tira qualquer coisa.

TÓTÓ — Então tira um rato.

COELHO — Ora, um rato! Qualquer mágico tira um rato da cartola. Isso é muito pouco. Não quero saber de ratos.

1.º CONVIDADO — Então tire um elefante.

COELHO — Oh, um elefante! Como pode um elefante caber numa cartola? Não cabe nem nesta casa.

VERINHA — Então tire outro bicho. Um que seja maior que um rato e menor que um elefante. Já sei! Tire um lobo da cartola!

TODOS — Lobo!

VERINHA — Isso mesmo. Um lobo grande e preto. Vamos, professor Coelho!

COELHO — Vocês querem... um lobo mesmo?

1.º CONVIDADO — Não! Lobo, não!

2.º CONVIDADO — Não, não! Temos medo!

VERINHA — Mas eu quero um lobo.

COELHO — Então... se é para tirar um lobo... vamos contar um... dois... e... e... e...

(Pânico geral. Correm todos e desaparecem, menos Tótó e Verinha)

TÓTÓ — Fugiram todos. Só ficamos nós.

VERINHA (ao Coelho) — Então?

COELHO (satisfeito) — Eu sabia que eles iam fugir antes de eu contar até três.

TÓTÓ — Eu não fugi. Nem ela.

COELHO (agressivo, a TóTó) — Porque é que você não fugiu também?

TÓTÓ — Porque lobo só aparece nas historinhas para crianças.

COELHO — E você, Verinha. Porque não fugiu?

VERINHA — Porque eu sabia que você não ia tirar lobo nenhum daí.

COELHO — Porque não? Eu sou um grande mágico.

VERINHA — Porque se você tirasse um lobo feroz de verdade, o primeiro a ser devorado seria você mesmo.

TÓTÓ — Puxa! Ninguém pensou nisso.

COELHO (desconversando) — É por isso que eu não gosto de tirar certos bichos da cartola.

TÓTÓ — E é por isso que eu preferia um rato. De rato ninguém tem medo. Eu podia até brincar com ele. Vá, seu Coelho, tire um rato pra mim. Tá?

COELHO — Um rato pra você? Só faltava isso. Usar todo o meu poder mágico só para tirar um rato pra você brincar! Isso nunca! Estou ofendido.

(Enfia a cartola na cabeça e sai. Verinha põe-se a rodopiar pela sala, feliz. Depois pára, bate na testa, lembrando-se de algo)

VERINHA — A vóvó! Esqueci da vóvó! Preciso sair já, já! (procura em volta) Onde está? Onde será que eupus mesmo?

TÓTÓ — Pôs o que?

VERINHA — A minha capinha.

TÓTÓ — Que capinha? Nunca vi você de capinha.

VERINHA — Mas eu tenho uma.

TÓTÓ — Então não estreiou ainda.

VERINHA — Ganhei hoje. Vou estreiar agora mesmo. Mas onde está ela? Você não viu, não? (Procura)

TÓTÓ — Não sei nada. Nem sei de que cor ela é.

VERINHA — É vermelha. Parece um tomate.

TÓTÓ — Deve ser bonita.

VERINHA — É linda. E tem um capuz pra esconder a cabeça. Tudo vermelho.

TÓTÓ — Quem foi que te deu?

VERINHA — Foi papai. Ele tinha prometido uma no meu aniversário.

TÓTÓ — Que bom fazer anos e ganhar presentes! (Pensativo). Quando será meu aniversário? Preciso festejar.

VERINHA — Um cãozinho como você não festeja aniversário.

TÓTÓ — Não festeja porque?

VERINHA — Porque?... porque... Porque você é um cãozinho, óra essa.

TÓTÓ — Só por isso?

VERINHA — Etambém porque ninguém sabe o dia em que nasce um cãozinho.

TÓTÓ — Vou perguntar a minha mãe.

VERINHA — Ela também não sabe.

TÓTÓ — Acho que sabe.

VERINHA — Duvido muito. (Torna a procurar). Mas onde estará essa capinha?

TÓTÓ — Vou pedir um osso bem gostoso no dia do meu aniversário. E ponho duas velinhas em cima.

VERINHA (pensativa) — Minha capinha estava numa caixa.... (Dá um pequeno grito). Aqui está ela. Em cima da cadeira. (Abre a caixa, tira uma capa vermelha e veste-a rapidamente). Veja! Veja, TóTó como ela é linda!

TÓTÓ (esticando a pata) — Verinha! Você assim fica parecida com a menina do Chapéuzinho Vermelho!

VERINHA — Eu? (Abre a boca, espantada e corre diante do espelho). Não é que é mesmo? Pareço um Chapéuzinho Vermelho de verdade.

TÓTÓ — Você vai sair na rua e vão dizer que você é o Chapéuzinho Vermelho.

VERINHA — Que bom, que bom! Eu gosto de ser o Chapéuzinho Vermelho!

TÓTÓ (cruzando os braços) — Garanto que vai acontecer tudinho pra você como aconteceu na história do Chapéuzinho Vermelho. Me diga uma coisa, Verinha: onde é que você ia mesmo com essa capa?

VERINHA — Eu estava me apressando para ir à casa da vóvó. (Arregalando os olhos) Hi! Direitinho como na história! Meu Deus! (Leva a mão ao rosto).

TÓTÓ (solene) — Está vendo? Você vai visitar a Vóvó e encontra o Lobo no caminho.

VERINHA (assustada) — Que horror!

TÓTÓ (profético) — Vai dar tudo certinho.

VERINHA — Já não vou mais à casa da vóvó.

TÓTÓ — Ah, não senhora! Você vai mesmo. É da história, e você não pode fazer a história ficar doutro jeito.

VERINHA (fazendo beijo) — Mas eu tenho medo do Lobo. Ele é muito máu.

TÓTÓ — Não se assuste. Na história ele não come você.

VERINHA (alegrando-se) — É mesmo, Totó!

TÓTÓ — Ele só come sua avó.

VERINHA (alarmada) — Coitadinha! Preciso avisar a vóvó, depressa.

TÓTÓ — Não adianta! Ele chega primeiro, engole sua avó e finge que e ela quando você chega.

VERINHA — Tal e qual! Mas depois o caçador chega, mata o Lobo e tira minha avó de dentro d'ele!

TÓTÓ (enfático) — No fim dá tudo certo. Eu me lembro bem, da história, que me contaram quando eu era criança.

VERINHA (olhando primeiro para Totó e depois caindo na risada — ha, ha, ha, Você nunca foi criança na vida, Totó!

TÓTÓ (indignado) — Nunca fui? Como é então que fiquei grande?

VERINHA — Você é cachorrinho, seu bôbo. Cachorrinho nunca foi criança.

TÓTÓ (caindo em si) — É mesmo! Eu não tinha pensado nisso.

VERINHA (importante) — É que você é irracional.

TÓTÓ — Eu sou o que?

VERINHA — Irracional. Aprendi na escola que os animais são racionais, como eu, e irracionais como você.

TÓTÓ — E o que é irracional?

VERINHA — É gente que não pensa, que não sabe que dois mais dois são quatro.

TÓTÓ (ofendido) — Isso é um desaforo! Eu penso muito bem e sei quando são dois mais dois.

VERINHA — Você pensa que pensa, mas não pensa, "seu" bôbo.

TÓTÓ (indignado) — Eu penso muita cousa. Sei somar e até subtrair.

VERINHA — Ah, sim? E que é que você sabe subtrair?

TÓTÓ — Por exemplo: sei subtrair a carne tôda de um osso.

VERINHA — Seu tonto! Pensa que subtrair é isso?

TÓTÓ (zangado) — Você está querendo mesmo implicar comigo! Isso é uma injustiça! (Cruza os braços e vira para o outro lado).

VERINHA (arrependida) — Oh, não fique bravo, Totó. Você é o meu cãozinho de estimação, e eu gosto muito de você. (Alisa a cabeça de Totó).

TÓTÓ (conciliador) — Bem, bem, por esta vez vá lá. Agora trate de ir visitar sua avó.

VERINHA — Vou correndo. Estava me esquecendo dela. E já está ficando tarde. (Corre para um móvel e pega uma cestinha coberta com um pano) Adeusinho, Totó!

TÓTÓ — Não se esqueça de encontrar com o Lobo. Faça êle seguir a história direitinho.

VERINHA (saindo) — Não se incomode. Eu dou um jeito nele.

2.ª CENA

VERINHA (atravessando a floresta)

VERINHA (apreensiva) — Estou com tanto medo! (Olha para os lados) Qualquer barulhinho me assusta. (Para e põe-se a examinar as árvores). Será que o Lobo não subiu numa árvore? Ora, que bobagem minha! Lobo é como cachorro, não sobe em árvore. No entanto, eu não devo ter medo, porque o Lobo não come o Chapéuzinho Vermelho. (Impertiga-se) É isso mesmo. Não vou ter mais medo.

(Ouve-se um ronco por perto. Verinha fecha os olhos e surge o Porquinho, comendo uma espiga de milho).

PORQUINHO (sem para de comer) — ^{Carce} ~~O~~á! menina!

VERINHA (sem abrir os olhos) — Boa tarde, "Seu" Lobo.

PORQUINHO (admirado) — ~~Que é?~~ ^{Cara diacho} (passa a mão pelo rosto e apalpa o focinho). Será que eu tenho ^{luta} cara de Lobo?

VERINHA (com antes) — Já sei que você é o Lobo. Não finja que não é.

PORQUINHO (aborrecido, recomeçando a comer) ~~Eu~~ Não sou lobo cousa alguma! Sou um porquinho! ^{lá de, de, tocun-ga, né?}

VERINHA (abrindo depressa os olhos) — É mesmo! É um porquinho! Mas você não estava na história!

PORQUINHO — Que história?

VERINHA — Você não sabe? A do Chapéuzinho Vermelho.

PORQUINHO — Que Chapéuzinho é esse?

VERINHA — Sou eu, não sabe?

PORQUINHO — Você é uma menina e não um chapéu.

VERINHA — E você é um porquinho ignorante. Não sabe nada.

PORQUINHO — Sei comer milho muito bem.

VERINHA (batendo na testa, para si mesma) — Como sou distraída! Este é um dos três porquinhos do Lobo Feroz. Mas não é desta história! (Ao porquinho, zangada.) Porque é que você veio se meter na minha história?

PORQUINHO (parando de comer) — Na sua história? Eu não tenho nada que ver com você!

VERINHA — Você é muito metido. Você e seus dois irmãos.

PORQUINHO (espantado) — Porque meus dois irmãos?

VERINHA — Você não tem um irmão que faz casa de palha e outro que faz casa de madeira?

PORQUINHO — Que brincadeira é essa? Meus irmãos não fazem outra cousa senão comer abóbora e milho. E não são dois, não. Tem um bando deles fugando por aí.

VERINHA — Então não foi você que fez uma casa de tijolos?

PORQUINHO — Casa de tijolos? Essa é boa! Ha, ha, ha! Eu não gosto de casa de tijolos. Eu gosto mesmo é do barro, du-

ma lama bem boa. (Lambe os beiços) Que gostosura!

VERINHA — Então você não é porquinho que não tinha medo do Lobo?

PORQUINHO — Eeeeeu? Eu não! (Em voz baixa) Cá entre nós: eu tenho muito medo do lobo.

VERINHA — Então você está roubando, porque o Lobo vem aí.

PORQUINHO — Deixe de brincadeiras!

VERINHA — É sim. O Lobo vem aí. Sabe, meu nome é Verinha, mas eu sou Chapéuzinho Vermelho e vou me encontrar com ele aqui, no meio desta floresta.

PORQUINHO — Menina, você não está boa da cabeça. Este mato não tem lobo! (Recomeça a comer a espiga. Ouve-se um ronco surdo. O Porquinho pára assustado)

VERINHA — Está ouvindo?

PORQUINHO (de olhos arregalados) — Que é isso?

VERINHA — É o Lobo. Eu não disse que ele vinha? ^{Cara minha, não, não, não, não}

PORQUINHO (tremendo) — (Acho me... ^{Porco} me... melhor eu ir dando o fo... fo... de fora.) ^{rabot-toci de protetora dos porqui}

VERINHA — Acho melhor mesmo. Carne de ^{robu} porco é muito bom para saúde de lobo.

(Ouve-se um ronco mais forte, o porquinho joga fóra a espiga e dispara a correr)

VERINHA (alto) — Póde aparecer, "seu" Lobo. Já sei que você está aí. Não precisa fazer mais barulho.

LÓBO (aparecendo e fazendo um arreganho de dentes e de patas) — Aaaaauuun!

VERINHA (muita calma) — Não adianta roncar que eu não tenho medo.

LÓBO (chegando mais perto e fazendo novo arreganho) — Aaaaauuun!

VERINHA (virando o rosto, com cara de nójo) — Que dentão amarelo que você tem! Devia escovar os dentes todos os dias.

LÓBO (parando o arreganho e gritando com voz grossa) — Prepare-se que vou devorar-lá, menina.

VERINHA — Nada disso! Você vai devorar é a vovó.

LÓBO (assombrado) — O que? Isso é chingação? Devorar a vovó?

VERINHA — É isso mesmo! A minha avó.

LÓBO (estupefacto) — Que negócio é êsse de devorar a sua avó?

VERINHA — Você já devia saber o que tem de fazer.

LÓBO (como antes) — Mas... mas... mas... é você que vou assustar e comer inteirinha.

VERINHA — Não seja bôbo. Trate de seguir a história, que é muito melhor.

LÓBO (voltando a ficar bravo) — Deixe de conversa, menina. Eu vou comer você. Aaaaauuuu! (Aproxima-se de Verinha).

VERINHA (empurrando com a mão o focinho do Lobo) — Ponha êsse focinho pra lá, e trate de aproveitar o tempo, que está ficando tarde.

LÓBO (estupefacto) — Menina, você sabe quem eu sou?

VERINHA — Sei muito bem. Você é o Lobo.

LÓBO — E você não tem medo de mim?

VERINHA (com desprezo) — Nem um pouquinho.

LÓBO (com voz terrível) — Eu tenho cara feia e sou muito maaauuuu!

VERINHA — Você pôde ter cara feia e ser muito máu. Mas não me mete medo.

LÓBO (fazendo voz de choro) — Será possível que não consiga assustar esta menina tão pequena! Estou desmoralizado, estou liquidado! (Vira-se para uma árvore e põe-se a soluçar alto).

VERINHA (condoída) — Coitado do Lobo! Não chore, Lóbinho. Você há de assustar alguém hoje. (Pega o Lobo pela orelha e faz êle virar a cara) Sabe, você deve comer a minha avó, e não eu.

(Lobo tira um lenço e assôa o nariz com estrondo).

LÓBO — Você acha que eu devo comer sua avó?

VERINHA — Porque não? Está escrito na história!

LÓBO — Eu não leio histórias.

VERINHA — Pois não sabe o que perde. É assim! Você engole a minha avó inteirinha.

LÓBO — Inteirinha?

VERINHA — De uma vez só.

LÓBO — E que tamanho ela tem?

VERINHA (erguendo o braço) — Dêste tamanho.

LÓBO (abrindo a boca e medindo com as patas) — Acho que não vai dar. Mas eu dou um geito. A carne dela será bôa?

VERINHA — Isso não sei. Nunca provei.

LÓBO — Que idade ela tem?

VERINHA — Uns 70.

LÓBO (fazendo uma careta) — Deve ser dura, não?

VERINHA — Mas você precisa engulir sem machucar, porque depois vem o caçador, mata você e tira ela de lá de dentro.

LÓBO (num sobressalto) — Caçador?

VERINHA — É. Um homem com uma esgarda.

LÓBO (meio inquieto) — Não há caçadores por aqui! (Olha em volta)

VERINHA — Mas hoje vai aparecer um.

LÓBO — Eu li no jornal que acabou a temporada da caça.

VERINHA — Ora! É a nossa história que vale, e não os jornais.

LÓBO (coçando a cabeça) — Não esou gostando dêsse negócio de caçador.

VERINHA — Mas faz parte da história. Você engole a vovó, veste a roupa dela e deita na cama para me enganar. Eu chego e penso que você é ela.

LÓBO — E o caçador? Só vem depois?

VERINHA — Só no fim.

LÓBO (à parte) — Então eu engulo a velha e dou fóra logo. (À Verinha). Está feito. Dê o braço aqui. (Estica o braço). E vamos andando.

VERINHA — Não é assim não. Bem se vê que você não leu o livro. Na história eu vou pela estrada e você corre por um atalho e chega primeiro.

LÓBO — Está bom. Já vou indo. (Vai andando, Verinha agarra-o pelo rabo)

VERINHA — Não é por aí. Você nem sabe o caminho. Que Lobo mais ignorante! (Aponta um dedo). A atalho é por aí eu vou por aqui, em frente.

LÓBO (pondo-se a caminho, encolhendo os ombros) — Tudo que eu faço hoje sai

errado. Estou com um azar danado. Tomara que eu não engasgue com a avó dela.

3.ª CENA

(Casa da avó de Verinha. Ela está sentada numa cadeira de balanço. O LÓBO chega, bate à porta).

AVÓ — Deve ser a Verinha. (Alto). Póde entrar, Verinha. (Entra o Lóbo, cautelosamente)

LÓBO — Boa tarde, minha senhora.

AVÓ — Que voz rouca é essa? Está resfriada?

LÓBO — Resfriado? Ah, sim... um pouco de tosse. (Tosse espalhafatosamente).

AVÓ — Sem os meus óculos não vejo bem você. (Tateia o móvel ao lado)

LÓBO — Estou aqui, bem no meio do seu quarto.

AVÓ — Você está de roupa escura? Porque isso logo hoje?

LÓBO — Roupa escura? O meu pêlo é escuro mesmo.

AVÓ — Pêlo? Pêlo de quem?

LÓBO — Meu pêlo, ora essa.

AVÓ (zangada) — Não gosto dessas brincadeiras.

LÓBO (aparte) — Essa velha deve ser biruta. (Alto). Vim aqui visitar a senhora para... para... (Aparte) Devo dizer logo que vim para devorá-la?

AVÓ — Já sei. Você veio porque é seu aniversário.

LÓBO — Aniversário? Hô, hô, hô! Que bobagem é essa?

AVÓ (indignada) — Que falta de educação! Você não conhece mais sua avó? (Tateia a mesa de nôvo). Onde pôs êsses óculos?

LÓBO — Não tenho avó nenhuma.

AVÓ — Todo mundo tem avó. E eu sou a sua avó. Você está querendo fazer troça comigo e está merecendo um castigo.

LÓBO — Eu? (Chega um pouco mais perto da Avó)

AVÓ — Sim, você. Vai ficar... (Subitamente repara que não é Verinha) Mas... mas você não é Verinha! E eu que estava pensando... (Ri). Desculpe. Eu enxergo tão mal sem óculos!

LÓBO — Mas foi Verinha que me madou aqui.

AVÓ — Você é amigo dela?

LÓBO — Muitos amigos. (Chega mais perto ainda)

AVÓ (aparte) — Que sujeito feio e peludo! E tem uma cara comprida. Parece um focinho. (Para o Lóbo). Eu estava justamente esperando a minha neta.

LÓBO — Pois eu vim correndo na frente.

AVÓ — Veio correndo? Para que?

LÓBO (aparte) — Devo dizer tudo agora. Chegou a hora. (Para a Avó, com voz grossa) Vim aqui para devorá-la.

AVÓ — O que?

LÓBO — Vim para devorá-la.

AVÓ — Mas... mas... que história é essa?

LÓBO — É isso mesmo. É uma história. Foi o que a Verinha disse.

AVÓ (mudando de atitude) — Você veio para...

LÓBO — Para engulir a senhora inteirinha. De um bote só. (Ronca com estrondo)

AVÓ (erguendo da cadeira) — Nunca vi maior atrevimento.

LÓBO — É como lhe digo. E agora vá se preparando.

AVÓ (com decisão) — Acho que vou me preparar mesmo. (Move-se para onde está a vassoura).

LÓBO — Trate de rezar pela última vez. (Faz um ar ameaçador). Não tenho tempo a perder.

AVÓ (passando a mão disfarçadamente no cabo da vassoura) — Você está com pressa?

LÓBO — Muita. Vamos com isso.

AVÓ — Quem tem pressa deve correr, não é?

LÓBO — É isso mesmo. É preciso correr. (Arma um bôte)

AVÓ — Então comece você a correr desde já! (Investe contra o Lóbo, batendo-lhe com a vassoura nas costas. O Lóbo é apanhado desprevenido, fica estupefato, acaba se acovardando e corre, perseguido pela Avó).

LÓBO — Socorro! Me acudam! Estão me matando! Mãeeee!

AVÓ — Toma para não ser malcriado! Toma mais esta! E mais esta!

(O Lóbo sai gritando e ganindo).

4.ª CENA

(Casa da Avó de Verinha. Batem e ela vai abrir).

AVÓ — Agora deve ser a Verinha. Essa menina está me preparando qualquer peça. Já mandou aqui hoje aquêle seu amigo de focinho comprido e cara peluda, convencido como êle só. Com aquela história de me devorar. Mereceu bem as vassouradas. (Abre a porta e entra Verinha).

VERINHA — Boa tarde, Vovózinha.

AVÓ — Boa tarde, Verinha.

VERINHA — Sua voz está igualzinha à voz da vovó.

AVÓ — Ora, ora, Que bobinha!

VERINHA (a parte) — Eu sei muito bem que é o Lôbo, mas vou fingir que não sei. (A Avó). Como tem passado, avózinha?

AVÓ — Vou bem, minha filha. Com um pouco de bronquite, mas vou indo. Ainda racho lenha de manhã e hoje mostrei que sou capaz de dar vassouradas nos outros.

VERINHA — Muito bem, Vovózinha. Vejo que tudo vai indo bem.

AVÓ — Sinto-me disposta hoje. Acho até que poderia dar uma volta com você até à cidade.

VERINHA — Não, isso não. Não está na história.

AVÓ — Que história?

VERINHA — Não se faça de distraída, vovó. Você sabe da história.

AVÓ — Distraída? (Bate na testa). Ah, sim! Como sou distraída! Até esqueci que é dia de seu aniversário e você veio me visitar com a sua capinha nova. Venha de lá um beijinho, Verinha. (A braça Verinha e dá-lhe um beijo).

VERINHA — Exquisito, isso!

AVÓ — O que?

VERINHA — Que dê o dentão amarelo?

AVÓ (zangada) — Menina sem educação!

VERINHA — Já escovou os dentes, vovó?

AVÓ (como antes) — Verinha! Onde já se viu falar assim comigo?

VERINHA (afastando-se) — Este Lôbo finge tão bem, que engana a qualquer um!

AVÓ — O que? Você está ficando maluquinha, minha filha? Que história é essa de Lôbo?

VERINHA (como quem se lembra de repente) — história! Precisamos continuar a história. Vamos lá. (Noutro tom) Vovózinha, porque é que você tem uns olhos tão grandes?

AVÓ — Acha que eu tenho olhos grandes?

VERINHA (amuada) — Não é assim, vovó. Você deve dizer: "São para te ver melhor".

AVÓ — Menina engraçada essa! Cada coisa que ela quer! Bem, vá lá. "São para te ver melhor".

VERINHA — E para quê essas orelhas tão grandes?

AVÓ (ofendida) — Oh, sua malcriada! Está me chamando de orelha grande?

VERINHA (impaciente) — Vamos, vovó. Diga que as orelhas grandes são para me ouvir melhor.

AVÓ — Bem, como hoje é o dia dos seus anos, não vou ficar brava com você.

VERINHA — Então diga aquilo.

AVÓ — "São para te ouvir melhor, minha filha"!

VERINHA — E diga, vovózinha: para quê êsses dentões tão grandes?

AVÓ — Hi, hi, hi! É a minha dentadura!

VERINHA — Não brinque, vovó! Diga logo que são para me devorar.

AVÓ — "São para te devorar, minha netinha". (Noutro tom) E agora, que devo fazer?

VERINHA — Agora você finge que vai me comer e eu fujo.

(A Avó finge que vai pegar Verinha, e esta sai correndo pela porta).

5.ª CENA

(Novamente na floresta).

VERINHA (gritando) — Caçador, Caçador! Venha aqui! (Olha de um lado para outro) Onde estará êle?

CAÇADOR (surgindo de espingarda ao ombro) — Que é que você quer, menina?

VERINHA — É preciso que o senhor mate o Lobo, para mim.

CAÇADOR — Lobo? Eu só mato passarinho!

VERINHA — Mas agora o senhor precisa matar um Lobo.

CAÇADOR — A bala desta espingarda não dá para matar lobo. É muito pequena. Mas onde é que você viu lobo?

VERINHA — Ali, na casa da minha avó. Ele entrou lá e comeu ela.

CAÇADOR (assustado) — O Lobo atacou sua avó?

VERINHA — Atacou e comeu.

CAÇADOR — Mas isso é horrível!

VERINHA (puxando-lhe o braço) — Vamos logo, antes que seja tarde. Não devemos abusar da história. Senão não dá certo.

CAÇADOR — Mas lobo é animal perigoso. Vamos chamar mais gente.

VERINHA — Não precisa ninguém mais. Só nós dois mataremos o bicho.

CAÇADOR — É preciso cuidado, menina. A gente pode errar o tiro e depois é o diabo.

VERINHA (em ar de desafio) — O senhor está é com medo. Medo de um lobo atoa como aquele.

CAÇADOR (pondo-se em brios) — Não admito que você me fale assim. Eu não tenho medo de nada. Eu sou é muito prudente.

VERINHA — Então o senhor vai provar que não tem medo. (Agarra pelo o braço e vai puxando o caçador, que não vai satisfeito). É aqui. (Aponta a porta entreaberta). Veja aquele vulto escuro lá dentro.

CAÇADOR — Está se mexendo. Parece uma velha.

VERINHA — Velha, nada! É o Lobo que se enrolou nas roupas dela. Vamos, dê logo um tiro nele. (Pausa) Porque é que a sua espingarda está tremendo?

CAÇADOR — É o frio que está fazendo.

VERINHA — Mas o tempo está até quente!

CAÇADOR (aparte) — Vai haver tempo quente, se eu errar este tiro!

VERINHA — Olhe! Olhe! Aproveite agora que o Lobo está de costas!

(O Caçador abaixa-se, faz mira. Ouve-se um tiro. O Caçador cai de costas. A Avó leva um susto tremendo, corre para o Caçador e toma-lhe a espingarda).

AVÓ — Isto já é demais! É um desaforo, um crime! Esta menina precisa levar uma surra, um castigo muito sério. Sempre arranja um louco para fazer-lhe os caprichos. (Ao Caçador, ainda no chão). E o senhor, quem é? Que é que está fazendo aqui? Que negócio é esse de fazer barulhão? E ainda por cima quase me acerta um tiro?

CAÇADOR (gaguejando) — Minha senhora, não leve a mal. Houve um mal entendido...

AVÓ (como antes) — Mal entendido? Chama de mal entendido um tiro como esse? Quer que lhe dê também um mal entendido? (Aponta-lhe a espingarda).

CAÇADOR (apavorado) — Não faça isso! Tenha calma! Foi sem querer!...

AVÓ — Fuja daqui depressa, antes que eu perca a paciência!

CAÇADOR (erguendo-se aflito) — Um minutinho, minha senhora! A senhora parecia um lobo, e eu...

AVÓ — Eu parecia o que? Se o senhor não começar a correr já e já, vai ficar muito arrependido... (Aponta a espingarda). Lá vai um tiro (O Caçador sai correndo). (Volta-se para Verinha). E você? Que é que vai dizer agora?

VERINHA (desapontada e amuada) — Ah! vovó, você estragou tudo. Era para o Lobo comer você e eu depois salvar você com o Caçador. Eu estava certa que você era o Lobo.

AVÓ (indignada) — Você está impossível hoje. Primeiro me manda aqui aquele seu amigo peludo e de nariz comprido. Vio entrando e dizendo que você o mandou cá para me comer. Não esperei mais nada. Agarrei a vassoura e esquentei-lhe as costas com uma boa surra.

VERINHA (profundamente desapontada) —
Porque fez isso, vovó? Você estragou tô-
da a história. Tudo que eu tinha pla-
nejado!

AVÓ (como antes) — Então você tinha pla-
nejado que aquêlê tratante me comesse,
hein?

VERINHA — Mas eu salvaria você, com o
auxílio do Caçador.

AVÓ — Que caçador? Ésse bôbo que quase
me acerta um tiro? Só faltava isso!

VERINHA — Ah, vovó! Você até parece que
não leu a história.

AVÓ — Não quero saber de história alguma!
Você vai voltar já para casa e eu vou
contar tudo à sua mãe, para que lhe dê
um bom castigo.

VERINHA (fazendo beijo) — É isso que a
gente ganha por querer seguir a história
direitinho. (Pêga o cesto, põe o capuz
na cabeça). Vou-me embora com raiva
mesmo. Adeus, vovó! (sái).

6.ª CENA

(Na floresta, o LÔBO passeia de um lado pa-
ra o outro, com as mãos nas ilhargas).

LÔBO (furioso) — Que azar danado! Estou
com um pêso terrível. (Para e faz uma
careta de dor) Ui, minhas costas!

VERINHA (chegando) — Que é isso "seu"
Lôbô?

LÔBO — Ah, já voltou? Pois saiba que tudo
correu muito mal.

VERINHA — Já sei que a vovó lhe deu um
corridão!

LÔBO — Um corridão? Antes fôsse! Ela
agarrou a vassoura e me malhou as cos-
tas. Ui, meu ombro! E eu não fiz nada
demais! Só disse que precisava comê-la,
igual à história.

VERINHA (amuada) — É. A vovó não acre-
dita nessa história. O Caçador também
foi dar um tiro nela e se arrependeu.

LÔBO — E quem é o culpado disso tudo?
Que fiz eu para merecer uma surra de
páu?

VERINHA — Nada. Ninguém é culpado. Só
esta minha capinha é o motivo de tudo.

LÔBO (lamuriendo) — Ai, de mim! Pobre das
minhas costas! Agora não vou poder sen-
tar por uma semana! Sou um pobre lôbo
azarado!

VERINHA (condoída) — Não é assim, Lobi-
nho! Você ainda há de ser feliz.

LÔBO (soluçando) — Não, não! Um lôbo co-
mo eu, não pôde ser feliz. Não neste
mundo!

VERINHA (como antes) — É que você é um
errado! Você quer ser máu e não pôde.

LÔBO — Mas todo lôbo digno tem de ser
máu. Preciso assustar os outros. E não
consigo assustar ninguém. (Chora)

VERINHA — Não, não é assim, lobinho. O
caso é que você não precisa assustar nin-
guém. Siga o seu coração, que é bom.
~~Esqueça que é lôbo, e você será feliz.~~

LÔBO (soluçando) — Você acha que sim?

VERINHA — Tenho certeza disso. O lôbo
só é máu se usar as unhas e os dentes.
Se não usar, será tão feliz quanto os
outros.

LÔBO — Sorria tão bom se fôsse verdade!

VERINHA — É verdade. Você quer vêr?

LÔBO (mais animado) — Quero sim.

VERINHA — Então faça uma cara bem ale-
gre e venha comigo.

LÔBO — Aonde vamos?

VERINHA — A uma festa.

LÔBO — Festa? Na casa de quem?

VERINHA — Na minha.

LÔBO — Na su...? Não é possível!

VERINHA — Porque não?

LÔBO — Todo mundo vai sair correndo.
Acaba a festa.

VERINHA — Não se impressione. Vamos
indo, que no caminho eu vou explicando
o que você deve fazer.

LÔBO — Está bem. Mas olhe lá, hein? Já
me meti em cada encrenca, hoje! Chega
de barulho!

VERINHA — Deixe o caso comigo. Vamos!
(Toma o Lôbo pelo braço e o vai levando
para fóra).

7.ª CENA

(Casa de Verinha. Todos os convidados, incluindo o Caçador, o Porquinho, o Coelho e Totó, cantam e dançam. Entra Verinha sozinha, saudada por aclamações).

VERINHA — Olá pessoal!

TOTÓ — Deu certo a história, Verinha?

VERINHA — Deu, nada.

TOTÓ — Não aparece lobo nenhum?

VERINHA — Apareceu.

TOTÓ — E então? Como era êle? Muito mau?

VERINHA — Qual o que! Era o lobo mais bôbo que pode existir.

TOTÓ — Mas... nas historinhas o lobo é sempre mau!

VERINHA — Isso é nas historinhas. Mas o lobo que não quiser usar as uphas e os dentes, pode até brincar com a gente.

TOTÓ — O que? Você está maluca?

VERINHA — É, sim. Você pensa que lobo só existe nas historinhas?

1.º CONVIDADO — Existe também aquêlê lobo, quando a gente canta:
"Vamos passear na floresta..."

2.º CONVIDADO — "Enquanto o "seu" Lobo não vem".

TODOS (dando-se as mãos e caminhando em torno de Verinha) — "Vamos passear na floresta

Enquanto o seu Lobo não vem". (B!)

VERINHA — "Está".

TOTÓ — Mas êsse brinquedo é fingido. Não vêem lobo nenhum.

VERINHA — É fácil aparecer um lobo.

TOTÓ — De que jeito? Isso é bobagem.

VERINHA — Não é, não.

2.º CONVIDADO — Como é que aparece, então?

VERINHA — Com a cartola do mágico.

COELHO — A minha cartola?

VERINHA — É. Você não disse que sabe fazer aparecer lobo?

COELHO — Mas não faço porque êle me devora.

VERINHA — E se fôr um lobo bem manso?

COELHO — Prefiro outro bicho.

1.º CONVIDADO — Faça aparecer um coelho. Uma vez vi um mágico que tirava um coelho da cartola.

2.º CONVIDADO — Mas o coelho é êle mesmo. (Aponta o Coelho).

TOTÓ — Então, já que não se pode tirar o coelho da cartola, tira-se a cartola do coelho. (Arrebata a cartola da cabeça do Coelho).

COELHO — Me dá minha cartola. (Vai para o lado de Totó)

VERINHA (arrebata a cartola das mãos de Totó) — Deixe a cartola comigo. Eu faço aparecer o Lobo.

COELHO — Não aparece nada. Só eu sei fazer mágicas com essa cartola.

TOTÓ — Lobo só aparece em historinhas.

VERINHA — Querem vêr? Vocês cantam e eu faço aparecer um lobo.

COELHO — Isso é conversa.

1.º CONVIDADO — Deve ser brincadeira dela.

VERINHA — Então cantem.

TODOS — "Vamos passear na floresta..."

CAÇADOR — Esperem! Esperem um pouco. (Todos se calam) E se aparecer lobo mesmo?

VERINHA — Êle é bonzinho, eu já disse.

CAÇADOR — Êsse negócio de lobo não é nada bom. Pelo sim, ou pelo não, é melhor eu preparar a minha espingarda. (Separa-se do grupo, ageita a espingarda e põe um joelho em terra, fazendo mira na cartola).

VERINHA — Comecem de nôvo.

TODOS — "Vamos passear na floresta..."

TOTÓ (interrompendo) — Espera aí um pouco!

VERINHA — Você agora? O que foi?

TOTÓ — Com é que pode sair um lobo de uma cartola tão pequena? Aí não passa nem o pescoço dêle.

VERINHA — Ora isso é fácil. (Arrebata a varinha da mão do Coelho) Bato 3 vezes com esta varinha na cartola e êle aparece por encanto. Vamos, pessoal!

TODOS — "Vamos passear na floresta Enquanto seu Lobo não vem.
"Vamos passear na floresta Enquanto seu Lobo não vem".

1.º CONVIDADO — “Seu Lobo está em casa?”

VERINHA — “Está”.

2.º CONVIDADO — “O que é que ele está fazendo?”

VERINHA — “Está tomando banho”.

TODOS — “Vamos passear na floresta,

Enquanto seu Lobo não vem.

Vamos passear na floresta,

Enquanto seu Lobo não vem”.

1.º CONVIDADO — “Seu Lobo está em casa?”

VERINHA — “Está”

2.º CONVIDADO — “O que é que ele está fazendo?”

VERINHA — “Está vestindo a roupa?”

TODOS — “Vamos passear na floresta,

Enquanto seu Lobo não vem.

Vamos passear na floresta,

Enquanto seu Lobo não vem”.

1.º CONVIDADO — “Seu Lobo está em casa?”

VERINHA — “Está”.

2.º CONVIDADO — “O que é que ele está fazendo?”

VERINHA — “Está se preparando para aparecer”. (Segura a cartola e bate com a varinha no seu fundo) Um... dois... três!

(O Lobo, de palheta, paletó e um buquê de flôres na mão, surge, saltando para o centro da cena. Há debandada geral, todos se refugiam nos cantos ou se agrupam atrás do Caçador. Apenas Totó e o Porquinho se agarram um ao outro, tremendo de susto).

LÓBO — Boa noite, meus amiguinhos.

CAÇADOR — Mã... mã... mãos ao a... a... alto!

LÓBO — Agora não posso. Estou carregando flôres para a Verinha. (Entrega as flôres a Verinha).

VERINHA — Obrigada. (Ao Porquinho e Totó) Que dança é essa que vocês estão dançando?

PORQUINHO — Não é dan... dan... dança, não. É mê... mê... medo, mesmo.

TOTÓ — É lô... lô... lobo, mesmo!

VERINHA — E o que tem isso? Ele é meu amigo.

PORQUINHO — Ele morde.

VERINHA — Não morde, não. Não tenham medo!

LÓBO — Só mordo a comida na mesa.

PORQUINHO — Eu não sou comida de lobo, não.

VERINHA — Ele só come o que nós comemos.

PORQUINHO — Pra que esses dentes enormes, então?

LÓBO — São pra comer melancia. Quer vê? (Toma o pedaço de melancia das mãos do Porquinho, e põe-se a comer, fazendo caretas).

PORQUINHO — É mesmo! Lobo que come melancia não deve ser mau.

VERINHA — E não é. Ele veio até brincar conosco.

CONVIDADOS — Verdade?

LÓBO — É. Vamos dançar um pouco. (Agarra as mãos do Porquinho e de Totó, ainda resabiados, e põe-se a virar roda com eles).

COELHO — Esse lobo parece bom, mesmo. Mas esperem um pouco. (Corre e toma a cartola das mãos de Verinha). Deixa eu segurar a minha cartola. (Para a brada faça aparecer alguma onça por Pláteia) Antes que essa menina endia aqui.

(Todos dão-se as mãos e cantam em coro).

TODOS — “Vamos passear na floresta,

Enquanto seu Lobo não vem.

Vamos passear na floresta,

Enquanto seu Lobo não vem”.

PANO

NOTA: Esta peça deve ser representada pelos alunos do Ginásio ou Colégio, para ser assistida pelas crianças do Primário.